

ECOLOGIA QUEER: INTERSECCIONANDO SEXUALIDADE, NATUREZA, POLÍTICA E DESEJO

QUEER ECOLOGIES: SEX, NATURE, POLITICS, DESIRE.

Logo na introdução, o leitor é chamado a relembrar cenas do filme *Brokeback Mountain*, de Ang Lee, onde os personagens Ennis Del Mar e Jack Twist, empregados no verão de 1963 por Joe Aguirre para o pastoreio de ovelhas acampam em Big Horn Mountains, Dakota do Sul, nos Estados Unidos. No filme é reproduzido detalhadamente como os dois pastores em determinada ocasião fazem sexo e, mesmo insistindo no dia seguinte não serem gays, engatam um romance que vai durar, pelo menos, até os próximos vinte anos.

Na relação, os personagens desenvolvem um romance profundo e contundentemente trágico. O caso amoroso apresenta três momentos importantes em que as questões do lgbtq (lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e *queer*) e as políticas ambientais se intersectam. Primeiramente em relação à recusa dos personagens de se nominarem *queer*, como estratégia de distanciarem-se da impureza das articulações da identidade do homem gay urbano e afeminado. O ponto enfatizado no texto é de que a representação rural e masculina de Ennis e Jack tem o efeito de naturalizar esta relação homoafetiva, na medida em que o amor e atração entre eles podem ser lidos como totalmente distintos dos parâmetros que se teve ao longo de grande parte do século XX como sexualidades não naturais ou degeneradas.

Continuando a análise, Mortimer-Sandilands e Erickson observam que há nisso tudo uma desarticulação entre sexo e desejo entre pessoas de mesmo sexo e a identidade gay. Assim, eles identificam as relações entre a virilidade dos personagens com a virilidade da paisagem selvagem e uma subversão do discurso dominante que liga, a partir do início do século XX, esse espaço às performances da masculinidade heterossexual do homem branco da elite e relega ao espaço urbano a identidade gay, a legião feminista, os comunistas e o movimento *queer*.

Observações como essas aparecem ao longo da obra como importantes pontos de conversação entre políticas ecológicas e políticas *queer*. Elas revelam como as compreensões a respeito da natureza formam discursos sobre a sexualidade, da mesma maneira que compreensões a respeito do sexo também influenciam discursos sobre natureza. Para os autores, há muita coisa acontecendo em *Brokeback Mountain*, que indica uma relação histórica, política e literária entre sexo e natureza. “Quem diria que dois homens brancos “não-gays” transando entre as ovelhas seria tão interessante?”, questionam-se os autores.

Lorena Monteiro

Mestrado no Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba.

e-mail: lorenacmonteiro@gmail.com

O sexo está localizado, historicamente, em uma constituição particular do que vem a ser natureza. Uma análise crítica dessa localização é o que é problematizado nesse livro como Ecologia Queer. Para os autores, há uma contínua relação institucional, discursiva, científica, espacial, política, poética e ética entre sexo e natureza e é nesse sentido que a obra se propõe a interrogar essa relação até chegar a uma efetiva compreensão sobre sexo e ambiente. Tudo isso visando uma política sexual que inclua considerações sobre o mundo natural e sua constituição biossocial, assim como uma política ambiental que demonstre um entendimento sobre as formas em que as relações sociais organizam e influenciam tanto o mundo material da natureza quanto nossas percepções, experiências e concepções desse mundo.

O livro conta com treze artigos de treze autores diferentes que variam desde análises sobre animais *queer*, histórias sobre criação de espaços naturais de gays e lésbicas e, também, inclui uma consideração sobre a natureza erótica híbrida de Ellen Meloy.

Os autores sugerem a existência de três principais áreas nas quais as questões sobre natureza e sexualidade aparecem na mesma problemática. A primeira delas é explicitada no tópico “Estórias sobre sexualidade e ecologia: Des/naturalizando o Queer”, em que, através de uma rica pesquisa bibliográfica, expõe as conexões históricas existentes entre discursos sobre sexualidade e natureza. Essas estão centradas na naturalização de determinados comportamentos sexuais em detrimento de outros, que emergiram através do pensamento evolucionário no início no século XX e de estudos mais recentes sobre relações sexuais animais e mudanças ambientais como uma espécie de prática ecológico-evolutiva.

Construções culturais de espaços naturais acompanham historicamente mudanças no entendimento sobre sexualidade. É no tópico seguinte, intitulado “Ambientes Queer: As políticas sexuais dos Espaços Naturais”, que os autores argumentam sobre como os espaços naturais são designados para regular atividades sexuais e sobre como se dá a apropriação dessas paisagens por uma pluralidade de indivíduos.

A terceira área problematizada é abordada em um terceiro tópico, algo como “Tornando Queer as Políticas Ecológicas”, onde é documentada a maneira como alguns estudiosos identificados como *queer*, dentre outros, visualizaram uma nascente ecologia numa variedade de projetos literários, filosóficos e pedagógicos que insistiam em ressaltar, subverter e transformar relações de natureza heteronormativa. Estes estudiosos propõem uma perspectiva de resistência eco sexual na medida em que se deve reorientar a política para uma crítica contra a dominação da natureza e meio ambiente em detrimento da representação da cultura gay dominante, que acaba, por vezes, sendo a única aceitável, com seu estilo de vida predominantemente consumista e ambientalmente desastroso, sobretudo no que diz respeito ao homem branco gay urbano. Nas palavras dos autores, “*Aqui, estamos defendendo uma posição não só de tornar a ecologia queer, mas de tornar a política queer, verde.*” (p. 22).

Os artigos do *Queer ecology* são distribuídos em três partes: primeira é intitulada “Contra a natureza? Sexo Queer, Animalidade Queer”. Nesta, os autores examinam basicamente como as naturezas sexuais são produzidas através dos conceitos sobre animais e humanos e não humanos e questionam a equivocada ideia que acusa as práticas *queer* de serem contra a natureza. Tanto em “Iludindo a captura: A ciência, a cultura e o prazer de animais *queer*”, de Stacy Alamo, como em “Cultura de natureza *queer*”, de David Bell, nos trazem práticas não-humanas de relações sexuais entre o mesmo sexo e nos remetem imediatamente para a definição de natureza e cultura, nos fazendo pelo menos mudar a forma como vemos a vida dos animais ou mesmo por em questão a possibilidade de estudar a natureza como separada da cultura.

Os artigos da segunda parte, “Verde, Rosa e Público: Tornando *Queer* as Políticas Ambientais”, nos remetem a uma visão além da união da família heterossexual para encontrarmos um maior potencial para as políticas ambientais *queer*. Os capítulos dessa seção demonstram alternativas a uma política e cultura heteronormativa ilustrando possibilidades de intersecção entre as questões *queer*-ecológicas. No artigo “De *Jook to Joints* para Espaço entre Irmãs: O papel da Natureza em ambientes alternativos

lésbicos nos Estados Unidos”, de Nancy C. Unger, a autora argumenta que espaços alternativos são influenciados pelo meio ambiente em seus entornos e ilustra isso a partir do exemplo da construção dos espaços lésbicos nos Estados Unidos. Os capítulos seguintes se encontram, na medida em que confrontam a política da naturalização da natureza, desenvolvendo uma política de intersecção que abordam as complexas dinâmicas econômicas, raciais e sexuais que desafiam as ideias do que vem a ser natural ou não natural, usadas para condenar e estigmatizar grupos e comunidades.

Na última parte do livro “Desejando a Natureza? Anexos Queer”, artigos como “Naturezas melancólicas, Ecologia Queer”, ou “Biofilia, Involução Criativa e o Futuro Ecológico do Desejo Queer”, de Mortimer-Sandilands e de Dianne Chisholm, respectivamente, remetem à multiplicidade de prazeres e desejos possibilitada pela teorização dos estudos Queer. Segundo Mortimer-Sandilands e Erickson, a ecologia nos permite entender os links proporcionados pela teoria *queer* que mostram que nossos prazeres podem existir para além das relações entre humanos, eles são expandidos e formatados pela produção da natureza e do espaço ao nosso redor. Argumentando também que a repressão da sexualidade é diretamente proporcional à crescente destruição da vida em todas as suas dimensões. Nas palavras dos organizadores da obra *“Contra a mercantilização da natureza como recurso e como espetáculo, e também contra a fetichização do lgbtq e seus estilos de vida consumistas, o Queer ecologies argumenta por uma perspectiva baseada na mobilização das perspectivas e políticas queer contra o “contra a natureza” em direção à fins ecológicos radicais.”*(p.39)

Recebido em: 29/05/2013

Aceito em: 30/06/2013